

## **A Contabilidade Criativa**

*Carlos Honorato, junho de 2016.*

A contabilidade, essa que usamos até hoje dentro das empresas e dentro das próprias famílias, é algo muito antigo. Na verdade, seu nascimento pode ser datado em função do seu uso generalizado pelos comerciantes italianos lá em meados do século XVII, logo bem antes do século XVIII, século da Revolução Industrial. A contabilidade foi, ao longo dos últimos séculos, uma ferramenta fundamental tanto para o crescimento empresarial (pequenos comerciantes que se tornaram grandes negociantes e empresários) como para a sustentação das grandes empresas, sejam elas públicas ou privadas, e do próprio funcionamento do capitalismo e dos Estados Nacionais, inclusive os que não se autointitulam capitalistas.

No final do século XX, a contabilidade, aquela do século XVII, começou a ser insuficiente para resolver os complexos problemas das grandes organizações e dos próprios Estados. Foi nessa época que surgiram duas contabilidades, filhas da antiga contabilidade. São elas: a contabilidade fiscal e a contabilidade gerencial. A primeira, a fiscal, como o próprio nome diz, possui objetivo de mostrar “o que as organizações precisam pagar para o Estado” (quanto é o imposto!) para que o Estado consiga realizar a sua função maior que é de gerenciamento da sociedade onde essas organizações estão inseridas. A segunda, a gerencial, possui o objetivo de fabricar informações suficientemente adequadas para que as organizações e seus gestores possam “tomar decisões” de toda ordem e em todas as esferas.

A contabilidade fiscal é realizada segundo uma densa legislação “fabricada” pelo Estado e pela comunidade (quando os Estados são democráticos!). Diferentemente, a contabilidade gerencial é “fabricada” segundo as necessidades de cada organização e seu nível de sofisticação, muitas vezes, depende da complexidade das relações dessas organizações, sejam elas internas ou externamente. Resumindo e deixando bem claro: a contabilidade fiscal não é adequada para se tomar decisões empresariais e organizacionais (embora muitos ainda a utilizam para isso!) e a contabilidade gerencial não é adequada para quantificar os “impostos devidos”. As duas, no entanto, possuem em comum o fato de considerar que dois mais dois dão como resultado quatro!

No Brasil, por ser um lugar único, original e que acha que andar na contramão do mundo “fica engraçadinho”, estamos desenvolvendo uma terceira contabilidade: a contabilidade criativa. A contabilidade criativa, diferente da fiscal e da gerencial não possui regra nenhuma, justamente por ser criativa, a não ser fabricar pirotecnia com números e informações para enganar os “bobos de plantão”, que neste caso somos nós (o pobre povo pobre!).

Na contabilidade criativa, dois mais dois não são quatro, pois, para ela, dois mais dois será o que o ministro acha melhor que seja! Na contabilidade criativa, o sinal negativo ou sinal positivo não é função de uma operação matemática - contábil, mas sim função da notação da Câmara dos Deputados e do prestígio (ou charme) do presidente de plantão. Exemplo: como a capacidade de dialogar da tia Dilma era zero (ou quase zero!) ela não conseguiu os 97 bilhões que desejava do congresso, mas como o “temido Temer” é um presidente charmoso (e quase sensual, quando esta em silêncio!) já conseguiu os 170 bilhões que tanto queria.

O problema, no entanto, é que a contabilidade criativa, por ser criativa, não mostra a situação contábil (nem a fiscal, nem a gerencial!) e os números passam a ser meros adornos dos discursos pseudopolíticos dos bem falantes e engravatados oportunistas de plantão (entenda-se: ministros, deputados, senadores,...).

Como o orçamento de 2016 mostrava um valor de 25 bilhões com sinal positivo e agora mostra um valor de 170 bilhões com sinal negativo? Explicação: contabilidade criativa! Tem-se, então, que: ou a tia Dilma enganou muito, mentiu muito e patrocinou um verdadeiro “estelionato eleitoral” em 2014, ou o temido Temer, sabedor que é da sua incapacidade de “fazer o que deve ser feito”, resolveu encobrir a sua futura incompetência aumentando o rombo das contas nacionais (e aproveitando, também, para dizer que a tia Dilma estava mentindo!). O mais aterrador, no entanto, é que o mais possível, levando em conta os fundamentos da economia criativa, é que a situação do “ou... ou” pode ser “e”, ou seja: tanto a tia Dilma mentiu sistematicamente e o “temido Temer” está “nos enrolando” em plena luz do dia (e noites secretas no Jaburú!).

Seja como for, como nós somos brasileiros, e como tal acostumados a “levar curva” dos governantes de plantão (e acham isso bonitinho,... o que é pior!) a culpa ou desculpa que nos passarão (e já estão passando) é que isso é a “contabilidade criativa”. Pobre dela, pois foi inventada por nós (ou melhor por “eles”!) para que Brasília continue externamente deitado em berço esplêndido e no final das contas ainda é usada para encobrir as imoralidades oficiais dos políticos –abutres!